

# Uma viagem pela fronteira: relatos da interação Brasil- Bolívia na fronteira de Corumbá

*Travelling around the borders: reports of the Brazil-Bolivia interaction in the Corumbá border*

## Autor

Fabiana da Conceição dos Santos. Mestranda do Programa de Pós- graduação em Letras da UERJ.

E-mail: fabiana.brito@ifrj.edu.br

**Recebido em:** 18/09/2016    **Aprovado em:** 12/06/2017

**DOI:** 10.12957/interag.2017.25638

## Relato

### Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar um relato de experiência da viagem de uma aluna do Programa de Pós- Graduação em Letras, nível mestrado, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, à cidade de Corumbá, fronteira do Brasil com a Bolívia. Essa viagem foi realizada com a finalidade de recolher dados para a construção do corpus da dissertação da mestranda e mostra como a presença dos estrangeiros é notável na cidade fronteira brasileira.

**Palavras-chave:** *Relato de experiência, Fronteira, Estrangeiros, Brasil-Bolívia.*

**Área temática:** *Linguística*

**Linha de extensão:** *Linguística, Letras.*

### Abstract

This paper aims to present the report of a trip taken by a graduate student of the Graduate Program in Languages (Master Degree) of the University of the State of Rio de Janeiro, to the city of Corumbá, in Brazil-Bolívia borders. The purpose of the trip was to gather data for the construction of a corpus for the student's master's dissertation and it shows how the presence of foreigners is noticeable in this borderline Brazilian city.

**Keywords:** *Experience report, Border, Foreigners, Brazil-Bolivia.*

## Introdução

Corumbá, município que pertence ao Estado de Mato Grosso do Sul, é chamada de a Capital do Pantanal. Esse lugar abriga belezas naturais e construções históricas do século XIX que atraem turistas de várias regiões do país. Além disso, é conhecido pelas atividades de extração de minério, por possuir grandes extensões de terras, o que permite o desenvolvimento da pecuária e da pesca no rio Paraguai.

Convém ressaltar que Corumbá está localizada a seis quilômetros da fronteira Brasil-Bolívia. Dentro do território brasileiro, distancia-se de Campo Grande, capital do Estado, mais de quatrocentos e vinte quilômetros. No entanto, está a uma distância de menos de cinco quilômetros de Puerto Quijarro e a quinze quilômetros de Puerto Suarez, ambas cidades bolivianas.

Devido a esta proximidade com o país vizinho, o fluxo de estrangeiros que atravessam a fronteira diariamente em direção ao Brasil é grande e os motivos são diversos: trabalhistas, comerciais e educacionais. Logo, a presença do boliviano na cidade brasileira pode ser percebida em vários locais, como por exemplo, nas escolas, nas feiras livres e nas ruas de Corumbá.

Neste relato de experiência, essa presença será apresentada em dois momentos diferentes: em um primeiro momento, será comentada a circulação de um jornal boliviano na cidade de Corumbá e o registro da presença dos bolivianos nas feiras livres e na Igreja Nossa Senhora de Fátima. Logo após, esse movimento dos estrangeiros será apresentado através de comentários sobre as entrevistas realizadas com alguns estudantes estrangeiros na Escola Estadual Dom Bosco.

## A fronteira Brasil-Bolívia

Antes de relatar as atividades desenvolvidas durante a viagem, é preciso compreender o lugar onde elas foram realizadas, isto é, a fronteira. No entanto, conceituá-la não é uma tarefa fácil, tendo em vista que a sua significação pode variar de acordo com o campo de estudo em que está inserida. Neste relato, em um primeiro momento, serão comentadas algumas definições desse vocábulo a partir de definições encontradas em dicionários. Em seguida, o conceito de fronteira será apresentado a partir da perspectiva teórica que fundamenta este trabalho: a Análise do Discurso de linha francesa, tal como pensada por Michel Pêcheux 1990 [1969]]<sup>1</sup>.

Considera-se importante iniciar esta reflexão sobre sentidos para fronteira retomando verbetes de dicionários, uma vez que neste trabalho os dicionários são vistos como discursos produzidos e “não somente como provedores de palavras e significações”<sup>2</sup>. De acordo com o Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Candido Figueiredo<sup>3</sup>, a palavra fronteira pode ser definida das seguintes maneiras: *fronteira* f. *Extremidade de um país ou região, do lado por onde confina com outro. Linha divisória entre duas regiões ou países. Confins. Estrema; limite; fim.*

Por outro lado, o dicionário online de Português<sup>4</sup> apresenta as seguintes definições para fronteira: *s.f. Limite; linha que divide ou delimita, separando um país ou de território de outro(s). Região que está ao lado ou próxima desse limite.*

A partir das definições apresentadas pelo Novo Dicionário da Língua Portuguesa, percebe-se que o significado de fronteira está atrelado à ideia de limite de um país, de divisão de espaço, de linha divisória. As acepções aqui apresentadas são significativas aos moradores de Corumbá, uma vez que há uma linha de ônibus, a 102, que sai do centro de Corumbá, passa por alguns bairros e vai até a fronteira, entendida como a linha divisória dos dois países, o fim do território brasileiro nesta região. A imagem do ônibus ratifica a definição apresentada acima e, também, o imaginário de fronteira que existe em Corumbá. Para seus moradores, ela é entendida como uma linha divisória que separa o Brasil da Bolívia.



Foto tirada no dia 15 de agosto-Arquivo pessoal.

Esses conceitos são válidos, mas não suficientes para significar esse lugar. Compreender a fronteira de maneira discursiva é pensá-la para além de seus sentidos físicos e geográficos. Logo, para a Análise do Discurso, a palavra fronteira assume sentidos contraditórios, tendo em vista que o que a define não se relaciona somente ao limite geográfico, mas também ao conteúdo social. De acordo com Sturza<sup>5</sup>, “a fronteira não significa apenas pela sua relação espacial, como o lugar que marca o limite entre territórios”. Esse lugar significa muito mais para aqueles que nele vivem. Ele pode ser definido, segundo essa autora, “como um espaço de contato, um espaço em que se tocam culturas, etnias, línguas, nações”<sup>5</sup>.

A fronteira significa, então, uma zona construída de contradições, polêmica, aproximações e distanciamentos. Ao mesmo tempo em que ela é um espaço de separação, de limites, também é tomada como um espaço de integração<sup>5</sup>, que permite o contato e a troca com o outro. Nesse sentido, para desenvolvimento desse relato de experiên-

cia, trabalha-se com esta ideia para fronteira: como espaço de integração e ao mesmo tempo como zona de limite; e ainda como uma linha imaginária que engloba o visível e o invisível<sup>5</sup>. Além desses sentidos, pode ser entendida como construção em um espaço de duplicidade de sentidos, contraditórios, paradoxais.



O Jornal “La Estrella” e a circulação da língua espanhola na fronteira brasileira  
Durante a viagem, verificou-se que existe um jornal boliviano que circula em Corumbá.  
Jornal “La estrella” - Foto tirada em 16 de agosto de 2016-Arquivo pessoal.

Ele se chama “La Estrella” e não é vendido nas bancas de jornal da cidade. O periódico vem de Santa Cruz de La Sierra e é distribuído por um senhor boliviano para os comerciantes estrangeiros durante as feiras livres que acontecem diariamente na fronteira brasileira. Cabe destacar que não há somente bolivianos interessados na compra do jornal, mas também brasileiros, embora o número desses seja mais reduzido. Por causa da distância entre Santa Cruz de la Sierra e Corumbá \_ cerca de 659 km\_ , o periódico é entregue no dia seguinte à sua publicação.

De acordo com o relato de uma moradora da cidade, havia outro periódico boliviano que era vendido em Corumbá: o “Extra”. Entretanto, o responsável pela distribuição mudou-se para outra cidade e a circulação do impresso na fronteira brasileira foi interrompida.

Embora a venda de jornal boliviano no território Corumbaense seja reduzida e dirigida a um grupo pequeno de brasileiros, essa modesta circulação indica a existência de uma comunidade que usa a língua espanhola no lado brasileiro. Além disso, aponta a fronteira como um espaço de integração em que se tocam línguas e culturas diferentes. Segundo Weber<sup>6</sup>

Um dos modos pelos quais os jornais produzem sentidos e atuam sobre a integração fronteiriça se dá por meio de sua circulação para além da linha divisória, contribuindo, assim,

para um sentimento de comunidade, que seria reforçado pelo compartilhamento das mesmas notícias, das mesmas histórias de ficção, da mesma língua.

## As feiras livres em Corumbá

A participação dos bolivianos no comércio em Corumbá é notável, principalmente quando se trata das feiras livres que ocorrem diariamente na fronteira brasileira. Neste primeiro momento da viagem, buscou-se verificar a presença boliviana na feira que acontece todos os domingos na Rua 13 de junho.

Nessa feira, são comercializados diversos tipos de produtos, tais como roupas novas e usadas, calçados, brinquedos, aparelhos eletrônicos, além das frutas e verduras. Cabe destacar, também, a venda de comidas e bebidas típicas da culinária boliviana, como por exemplo, a saltenha, a empanada, a chicha e o mocochinchi.

Nas palavras de Costa et al <sup>7</sup>

Em Corumbá/MS, as feiras possuem características próprias que impactam a economia, a cultura e o social devido à presença generalizada dos bolivianos neste cenário, gerando um verdadeiro espaço de socialização, carregada de narrativas e símbolos sociais que só uma região fronteiriça possui.

A experiência de registrar o estrangeiro na feira foi muito satisfatória e de extrema importância para a pesquisa, uma vez que possibilitou verificar de perto a presença dos bolivianos neste espaço fronteiriço e sua integração com o brasileiro.

## Igreja Nossa Senhora de Fátima



Tirada no dia 14 de agosto de 2016-Arquivo pessoal

Neste primeiro momento da viagem, visitou-se também a Igreja de Nossa Senhora de Fátima, igreja conhecida por muitos dos moradores de Corumbá como a “igreja dos imigrantes”. Nesse local, há um padre responsável pelo trabalho com os imigrantes, o padre Marcos Antônio, da ordem dos escalabrinianos.

Atualmente, no primeiro domingo do mês, durante a missa celebrada às 19h, uma pessoa é escolhida para fazer a leitura do evangelho em Espanhol. No entanto, até pouco tempo, de acordo com a informação dada por uma senhora que trabalha na igreja, havia, nesse local, um momento reservado para os imigrantes que vivem na cidade. No último domingo do mês era celebrada a missa dos bolivianos às 17h. Um boletim em Espanhol era distribuído para que os presentes pudessem acompanhar a missa em sua língua materna.

O que chamou a atenção durante a visita à igreja foi um cartaz de uma santa boliviana, a “Virgen Urkupiña”, afixado no mural de informações, conforme mostra a foto a seguir. Trata-se de um cartaz com o convite para a celebração da festa dessa santa (novena e missa) em duas igrejas brasileiras. Além disso, no cartaz, há a junção da bandeira brasileira e da boliviana, indicando a integração entre esses dois países no que diz respeito à religião.



Foto tirada em 14 de agosto de 2016-Arquivo pessoal.

## Escola Estadual Dom Bosco

Em um segundo momento da viagem, após autorização da Secretaria Estadual de Educação do Mato Grosso do Sul, efetuou-se a visita à Escola Estadual Dom Bosco com dois objetivos: recolher informações sobre a escola e realizar as entrevistas com alguns alunos estrangeiros do Ensino Médio.



A Escola Estadual Dom Bosco<sup>8</sup> está localizada na Rua Dom Aquino Corrêa, no bairro Dom Bosco, próximo à saída que leva à Bolívia. A instituição foi inaugurada em 1961 pelo padre Ernesto Sassida, fundador de uma obra social que abrange vários projetos, tais como a Escola, projeto Criança e Adolescente feliz e programas de Assistência Social : Sino da Caridade e Adoção a Distância.<sup>8</sup>

Para desenvolver a atividade proposta, inicialmente, solicitou-se a uma funcionária responsável pela coordenação pedagógica que respondesse a perguntas de um questionário elaborado pela pesquisadora envolvida no projeto, com o objetivo de recolher informações sobre a instituição.

Dados de identificação
Nome da instituição: _____
Endereço: _____
Horário de Funcionamento: _____
Tipo de Atendimento: ( ) Ensino Fundamental ( ) Ensino Médio ( ) EJA
Número total de alunos: _____
Número de alunos estrangeiros: _____
Séries dos alunos estrangeiros:
_____
_____
_____

## QUESTIONÁRIO INICIAL PARA A ESCOLA

**1-** De que forma a instituição participa na recepção e adaptação dos estudantes estrangeiros no ambiente escolar?

**2-** Existe algum projeto que busca aproximar as famílias dos estudantes estrangeiros à comunidade escolar? Em caso positivo, como é esse projeto?

**3-** Que instrumentos são utilizados pelos professores para garantirem a permanência e êxito dos alunos estrangeiros na escola?

**4-** A escola realiza algum curso de capacitação para os professores/funcionários receberem os alunos estrangeiros? Em caso positivo, como isso ocorre?

**5-** De que forma os estudantes estrangeiros se relacionam com os alunos brasileiros?

**6-** Anualmente, a escola recebe, em média, quantos alunos estrangeiros?

Com base nas respostas apresentadas, foram encontradas estas informações: atualmente, a instituição conta com 1987 alunos matriculados, distribuídos no Ensino Fundamental e Ensino Médio. Desse total de estudantes, 10% são estrangeiros. Os professores são preparados para atender os discentes estrangeiros de forma diferenciada, especialmente, os docentes de língua portuguesa. Há, na escola, um projeto que busca aproximar as famílias dos estudantes estrangeiros à comunidade escolar, o projeto Família e Escola.

Alguns instrumentos são utilizados pelos professores para garantir a permanência e êxito dos alunos estrangeiros na escola, tais como avaliações diferenciadas e atendimentos através de projetos inter e multidisciplinares. Segundo a coordenadora pedagógica, o relacionamento entre os alunos estrangeiros e os brasileiros é satisfatório.

A responsável pelas respostas não soube dizer se há algum curso de capacitação para os professores/funcionários receberem os alunos estrangeiros, pois está há pouco tempo na função e não há registro de capacitação específica para esse tipo de situação.

Em seguida, cinco alunos do Ensino Médio foram convidados para participar das entrevistas. Vale ressaltar que as entrevistas foram realizadas após os candidatos a informantes aceitarem sua participação de forma livre e espontânea. O objetivo da pesquisa foi explicado a todos os envolvidos e, como eles estavam de acordo com sua colaboração, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o Termo de Autorização de Uso de Imagens e Depoimentos.

Vale salientar que neste relato a entrevista é pensada de maneira discursiva, isto é, não se utiliza a noção de entrevista entendida dentro dos limites de captação do dito, como simples ferramenta ou técnica que ajuda o entrevistado a expressar uma informação, tida como verdade, que será recolhida pelo entrevistador. Recorre-se à concepção de entrevista apresentada por Daher<sup>9</sup>

Diremos, deste modo, que a entrevista não é mera ferramenta de apropriação de saberes, representando, antes, um dispositivo de produção / captação de textos, isto é, um dispositivo que permite retomar/condensar várias situações de enunciação ocorridas em momentos anteriores.

Desta maneira, entende-se que ao realizar uma entrevista, o pesquisador provoca, em um determinado momento/espço, a atualização de textos que foram produzidos pelos entrevistados em outros momentos/espços. Porém, isto não significa que a entrevista seja uma mera repetição de algo que foi produzido anteriormente. Trata-se de uma nova situação de enunciação que reúne entrevistador e entrevistado, situados num certo tempo e espaço determinado<sup>9</sup>.

Os discentes responderam as 15 perguntas propostas que estavam divididas em três blocos temáticos, a saber: relação do sujeito com a língua materna e a língua portuguesa, relação do sujeito com o brasileiro e, o último, o ambiente escolar fronteiriço e sua relação com o sujeito.



BLOCOS TEMÁTICOS	OBJETIVO	PROBLEMA	HIPÓTESE	PERGUNTA/ROTEIRO
Relação do sujeito com a língua materna e a língua portuguesa.	Verificar com qual língua o sujeito se identifica quando está no ambiente escolar brasileiro.	Como o estudante estrangeiro se sente ao utilizar o Espanhol e a língua portuguesa para se comunicar no ambiente escolar?	Os estudantes utilizavam a língua materna quando começaram a frequentar a escola. Porém, como o passar do tempo, deixaram de utilizar o Espanhol e começaram a se comunicar usando a língua portuguesa.	1-Quando você começou a frequentar a escola, que língua <u>usava</u> para se comunicar com os demais estudantes? E com o (a) professor (a)? Por quê? 2- Como você sentia ao usar essa língua? 3- Atualmente, você usa a mesma língua para a comunicação? Por quê? 4- No ambiente escolar, com qual língua você se identifica mais? Por quê? 5-Em casa, qual a língua que você usa para se comunicar com seus familiares? Por quê?
Relação do sujeito com o brasileiro, com o diferente.	Verificar como o estudante estrangeiro se relaciona com o brasileiro e os demais estrangeiros no ambiente escolar.	Que imagem <u>tem</u> o estudante estrangeiro de si e do outro dentro do ambiente escolar fronteiriço?	Ao se comunicar com os brasileiros utilizando sua língua materna, o estudante estrangeiro sofre preconceitos diversos. Por isso, muitas vezes, sente-se envergonhado ao falar. Para ele, o aluno brasileiro o vê como diferente e, por isso, inferior.	6- Como você se sentiria se passasse por uma situação de preconceito por utilizar outra língua, diferente da língua portuguesa, para se comunicar no ambiente escolar? Como você reagiria? 7-Como você se sente na sala de aula em relação aos alunos brasileiros? 8- Como é a sua relação com os outros alunos estrangeiros? 9-Na sua opinião, como o estudante brasileiro vê o aluno estrangeiro?
Ambiente escolar fronteiriço e sua relação com o sujeito.	Identificar de que modo o ambiente fronteiriço faz parte da construção da imagem do sujeito.	Como é o processo de identificação que o sujeito tem com o ambiente escolar fronteiriço?	Os estudantes estrangeiros acreditam ter, no sistema educacional brasileiro, uma oportunidade singular de estudar, considerando as melhores condições de infraestrutura que são oferecidas. Porém, reconhecem os problemas que existem neste lugar, tais como preconceito, <u>bullying</u> , etc.	10- Como você se vê no ambiente escolar brasileiro? 11- O que você espera da escola brasileira? 12- Quais são as vantagens e desvantagens de estudar numa escola de fronteira do lado brasileiro? 13- Na escola brasileira, você acha que sua relação com o professor seria diferente se ele não fosse brasileiro? Por quê? 14-Como foi sua experiência de estudar em escolas na Bolívia? Como você se sentia lá? 15-Quando você estudava em escola boliviana, como era sua relação com os demais estudantes?

As respostas do primeiro bloco são de extrema importância para a pesquisa, uma vez que três, dos cinco participantes, relataram sua experiência de usar uma língua misturada (Português e Espanhol) ao chegarem à escola, a fim de se comunicarem com os professores e os demais estudantes. Observa-se, a partir da análise dessas respostas, o que Sturza<sup>10</sup> chama de desterritorialização na língua. Segundo essa autora, “a desterritorialização na língua está materializada nas misturas, nas mesclas de línguas que funcionam como mobilizadoras das interações entre sujeitos”<sup>10</sup>.

Ainda sobre essas respostas, pode-se verificar que as línguas não se fixam nas fronteiras estabelecidas. No imaginário de alguns estudantes entrevistados há a ideia de que cada povo, o brasileiro e o boliviano, fala somente a língua oficial de seu país. Porém, de maneira contraditória, em suas respostas e na própria língua que usam na entrevista, aparece a língua que não é homogênea. O que se observa é a língua-movimento, a língua fluída<sup>11</sup>.

Os discentes nomeiam essa língua fluída de língua misturada<sup>12</sup>, que é a língua que eles e seus pais usam, muitas vezes, em contextos que exigem a comunicação rápida, ou quando não são compreendidos por usarem o a língua espanhola. A língua misturada \_ destaca Sturza<sup>12</sup>\_ é uma prática linguística do sujeito fronteiriço. Nas palavras dessa autora,

a prática linguística misturada, por muitos, nomeada de Portunhol, não é uma interlíngua, àquela de aprendizes expostos a um processo formal de aprendizagem de português ou espanhol, mas é uma prática linguística usada por esses sujeitos fronteiriços ao se comunicarem entre si, em decorrência dos seus modos de vida, de necessidades que são próprias da vida na fronteira.<sup>12</sup>

Todos eles explicaram, também, que usam a língua espanhola para conversarem entre eles e que quando querem falar sobre um determinado assunto e desejam que os brasileiros não entendam, usam o Espanhol.

No segundo bloco, as respostas apresentadas também são relevantes para o projeto. Os comentários de alguns entrevistados revelaram as atitudes preconceituosas que sofreram/sofrem ao se identificarem como bolivianos ou ao falarem de sua descendência estrangeira. Dois deles relataram que aquele que é identificado como estrangeiro na escola é chamado, muitas vezes, de “choco”. Além disso, um estudante comentou sobre a dificuldade de se relacionar na escola por causa do idioma. Essas respostas mostram como as fronteiras simbólicas existem na instituição e nas relações com os demais alunos. Nas palavras de Weber<sup>6</sup>, “A fronteira, afinal, não está somente nos limites naturais, nos marcos e nas aduanas, se constrói também nas vivências, no nível do simbólico”.

Em relação às respostas do terceiro bloco, destacam-se os comentários positivos em relação ao ensino e à estrutura das escolas brasileiras, quando comparadas ao ensino e à estrutura das escolas bolivianas.

## Considerações finais

A viagem realizada para coletar dados para o corpus do projeto de dissertação contribuiu para o desenvolvimento da pesquisa, permitindo verificar in loco o fluxo de es-

trangeiros que passam pela fronteira diariamente em direção ao Brasil para trabalhar e estudar. Além disso, vale destacar que o ganho maior foi o de aprender a pensar na fronteira a partir dela<sup>13</sup>, tendo em vista que o espaço fronteiriço não é fácil de ser compreendido. Por fim, estar na fronteira, vivenciar a fronteira, foi essencial para entender o processo de integração entre os sujeitos fronteiriços e as línguas que circulam neste espaço.

## Referências

1. PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso. Trad. Eni P. Orlandi. In: GADDET, Françoise. HAK, Tony. (Org.). **Por uma Análise Automática do Discurso**. Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990 [1969]], p. 61-161.
2. NUNES, J. H.. **Formação do Léxico e Saber Lingüístico**. Relatos, Campinas, v. 5, p. 14-22, 1997.
3. Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Candido Figueiredo-1913. Disponível em: <http://www.dicionario-aberto.net/dict.pdf>. Acesso em 12 de setembro de 2016.
4. Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br>. Acesso em 12 de setembro de 2016.
5. STURZA, E. R. Línguas de fronteiras e políticas de línguas: uma história das ideias linguísticas. 2006. Tese (Doutorado em Letras). IEL/UNICAMP. Campinas, 2006.
6. WEBER, A. F. Política de línguas, circulação de jornais e integração em cidades gêmeas da fronteira. In RUA [online]. Nº 21. Volume 2, p. 381. ISSN 1413-2109. Junho/2015. Consultada no Portal Labeurb. Revista do Laboratório de Estudos Urbanos.
7. COSTA, E. A.; ESPIRITO SANTO, A. L.; BENEDETTI, A. G. Feiras livres de Corumbá-MS: territórios de encontros fronteiriços. In: V Seminário de Estudos Fronteiriços (V SEF), 2015, Corumbá. V Seminário de Estudos Fronteiriços (V SEF). Campo Grande: Editora UFMS, 2015. v. 1. p. 1-10.
8. Diário Corumbaense. Disponível em: <http://www.diarionline.com.br/index.php?s=noticia&id=55844>. Acesso em 12 de setembro de 2016.
9. DAHER, Del Carmen; ROCHA, Décio ; SANT´ANNA, Vera . **A entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva**. Polifonia (UFMT), Mato Grosso, v. 8, p. 161-180, 2004.
10. STURZA, E. R.. Fronteiras, Línguas e Sujeitos. In: COSTA, Edgar A.; COSTA, Gustavo V.L.; OLIVEIRA, Marco Aurélio M. (Org.) **Fronteiras em Foco**. Campo Grande-MS: Editora UFMS, 2011, p. 93-107.
11. ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli; SOUZA, Tânia de. **A língua imaginária e a língua fluida. Política Lingüística na América Latina**, Campinas, p. 27-40, 1988.
12. STURZA, E. R.. **No tempo e no espaço: Mapeando as línguas de fronteira**. I CIPLOM, 2010, p. 340- 346.
13. GRIMSON, Alejandro. **Pensar fronteras desde las fronteras**. Nueva Sociedad nº 170. Universidad de Buenos Aires. Noviembre-Diciembre 2000.